

1

Enquanto andava, dei-me conta de que alguém me seguia.

A distância era demasiado grande e não me permitia saber se era um homem ou uma mulher quem vinha atrás de mim. Continuei a andar, sem me interrogar mais sobre o assunto.

Saíra de manhã da casa de hóspedes junto ao estuário e caminhava em direcção ao extremo do cabo. Passara ali a noite, naquela pequena residencial no meio de um aglomerado isolado de outras casas, dirigido por um homem e uma mulher que, a julgar pela idade que um e outro aparentavam, poderiam ser mãe e filho.

Quando cheguei de Tóquio, após uma viagem de duas horas de comboio, por volta das nove da noite, a entrada da residencial já estava às escuras. Esta, aliás, nada tinha de particular a assinalá-la: havia simplesmente um portão de ferro oscilante e baixo, que não se distinguia das outras casas, dois ou três pequenos pinheiros retorcidos e só uma velha tabuleta de madeira descolorida exibia o carácter *Suna*, «areia», transcrito a pincel.

— Um nome fora do vulgar, *Suna*, para uma casa, não é? — perguntei eu.

— Há outras com o mesmo nome por estes lados — replicou a mãe.

O cabelo do filho começava a ficar grisalho, embora o homem parecesse andar por volta dos quarenta e cinco anos, mais coisa menos coisa, uma idade próxima da minha.

— Quer pequeno-almoço? — perguntou-me ele. Aquela voz não me era desconhecida. E contudo, era sem dúvida a primeira vez

que eu via aquele homem: talvez a sua voz me lembrasse a de alguém, uma outra voz que eu não conseguia identificar. De resto, não era bem a sua voz que eu tinha a impressão de reconhecer, mas como que a vibração de uma espécie de tremor íntimo.

Respondi que dispensava o pequeno-almoço, e ele saiu do seu lugar atrás do balcão para me levar ao quarto, no outro extremo da sala de entrada. «Volto já para lhe instalar o *futon*», anunciou secamente o homem, «a casa de banho é na cave». Depois de ele ter saído, abri a cortina leve e vi o mar diante dos meus olhos. Ouvia dali o som das vagas. Não havia luar. Procurei, apurando a vista, distinguir a forma das vagas, mas sem resultado. O quarto estava quente, abafado, como se o tivessem preparado com muita antecedência. Abri a janela e deixei entrar o ar fresco.

A casa de banho era escura. De vez em quando, pingavam algumas gotas da água condensada do tecto.

Pensei em Seiji. — Esta noite tenho de ficar em Tóquio, no escritório — dissera-me ele. Eu já o ouvira descrever várias vezes essas divisões (eram três) que serviam de quarto, mas não era capaz de as imaginar concretamente. Um cubículo apertado, uma cama, e mais nada. — Quando a porta está fechada à chave, é porque está lá dentro alguém a dormir — diz-me ele. Como nunca trabalhei numa empresa, imaginava qualquer coisa como um quarto de hospital. Uma cama em tubos de metal, com um cobertor bege e resguardada por uma cortina, um par de pantufas no chão que abafa o som dos passos, uma campainha e a folha de registo da temperatura à cabeceira.

— Não, não é assim — é simplesmente um quarto banal de tecto baixo. Talvez alguém tenha deixado uma revista caída no chão. Banal. Seiji franze os lábios. Nunca ri alto. Quando sorri, é com as faces que o faz. O que me deixava perplexa a princípio, antes de me habituar ao seu rosto.

— Quando fico num desses quartos — diz ele — às vezes só adormeço quando a noite começa a clarear. A madrugada torna as coisas mais calmas. A maior parte das luzes de cada piso apagam-se, e quando as luzes se apagam, os ruídos que ressoam no interior do prédio atenuam-se também. Quando me deito naquela cama dura, a tensão impede-me de adormecer. Desde que deixei de ser

criança, deixei também de precisar de rituais para adormecer, mas desde que o trabalho me obriga a passar a noite no escritório, voltei a esses hábitos infantis. Imagino que estou a boiar à tona de água, não semiafundado nela como quando se bóia na vida real, mas como se não estivesse senão poisado, estendido ao comprido sobre a sua superfície: primeiro a parte de trás da cabeça e depois as costas, as nádegas, os calcanhares; ali à espera, completamente imóvel; e é assim — diz-me Seiji — franzindo de novo os lábios, enquanto as partes do meu corpo em contacto com a água vão pouco a pouco aquecendo, que eu acabo por adormecer.

Voltei da casa de banho. Ao contrário de Seiji, não sentia necessidade de dormir, e não me deitei. Só quando a cor negra do mar começou a tornar-se azul através dos interstícios do cortinado comecei a sentir-me cansada. É provável que Seiji adormeça também agora, pensei enquanto apagava a luz e fechava os olhos.

Passava das nove quando acordei, e a luz inundava o interior do quarto. O som do mar era mais audível do que durante a noite. Perguntei na recepção o caminho para o cabo. O filho pegou num papel e num lápis e desenhou uma representação esquemática do promontório, e, depois, no meio da folha, o trajecto a seguir. — Esta forma faz pensar em qualquer coisa, não faz? — disse eu. — Talvez, não sei. — A voz do filho lembrava-me a de alguém, que eu não conseguia descobrir quem era. Mas reconheci imediatamente o que a forma do promontório evocava: a imagem de um dragão com as goelas abertas — a cabeça e o pescoço do dragão. Sem esquecer sequer os bigodes sob as narinas.

— A pé, o caminho faz-se em pouco menos de uma hora, acho eu —, disse o filho. — Ou em pouco mais, para quem não tenha pressa, precisou a voz da mãe do fundo da sala. — Oh, eu... bem, ainda não me decidi, mas talvez aqui fique mais uma noite, se houver um quarto vago. Não vira sinais da presença de outros hóspedes; na véspera, era o meu o único quarto ocupado, tinha a certeza, e pensara por isso que a minha pergunta só poderia ter por resposta: — Esteja à vontade, fique o tempo que quiser. — Mas o filho abanou a cabeça, hesitante.

— À sexta-feira chegam os pescadores. Quando o mar não está muito encapelado, costumamos ter a casa cheia. O melhor é ligar para cá pelo telefone, mais logo —. Aquiesci vagamente e saí da casa de hóspedes. Segundo o horário que vi na paragem, o próximo autocarro passaria dentro de meia hora. Pensei que talvez fosse melhor deixar a mala na estação. Com a meia hora de que dispunha, podia fazer o caminho a pé. Mas a vertente inclinada que teria de subir fez-me mudar de ideias. Decidi esperar. Desci até à praia.

No mar monótono, nada mais se via do que o vaivém das ondas. Sentei-me numa rocha no meio da praia e fiquei a olhar o largo. O vento soprava com força. De vez em quando, sentia um salpico de espuma atingir-me. A Primavera chegaria em breve, mas fazia um tempo glacial. As pulgas do mar apareciam e voltavam a desaparecer na areia junto às rochas.

Não previra passar aqui a noite. Tinha um assunto a tratar na gare de Tóquio, e eram sete horas quando acabei de engolir uma refeição ligeira. Tencionava apanhar o comboio da linha Chuô, mas, sem saber porquê, resolvi apanhar o comboio da Linha Tôkaidô. Podia, pensei para comigo, ir até Atami e voltar depois atrás, apanhando outro comboio para casa. Mas de súbito senti-me extremamente só, e, depois de ter tentado combater esse sentimento de solidão o melhor que podia, acabei por desistir e apear-me do comboio. Foi assim que desembarquei em Manazuru.

Desci as escadas do cais, atravessei um corredor estreito e saí. Abria-se uma praça diante da estação. Havia já muito tempo que o guiché das informações encerrara. Foi o motorista do táxi quem me indicou a casa de hóspedes. É uma residencial pequena, disse-me ele, mas decente. E deixou-me diante daquela casa com a placa que dizia *Suna*, escrita a tinta da china.

Do comboio liguei para a minha mãe. — Que almoço há-de levar amanhã a Momo? — perguntou-me ela. Preparava-me para lhe responder que, excepto o frango, podia ser qualquer coisa que encontrasse no frigorífico, mas pensei depois melhor, e limitei-me a dizer-lhe que visse no frigorífico e escolhesse o que entendesse. — Desculpa ser tudo tão de repente — acrescentei. — Não te preocupes com isso — disse a minha mãe. — Eu não a ouvia em condições. Tive a impressão de que havia alguém a observar-me, e

virei a cabeça olhando para trás e para os lados, mas não havia mais ninguém, uma sombra que fosse, naquele espaço entre as duas caruagens onde eu me dirigira para telefonar.

Julguei entrever o mar da janela do comboio. Mas, por entre a escuridão, não podia dizer ao certo se era ou não o mar. Sempre que o meu trabalho me obrigava a ficar fora, deixava Momo com a minha mãe — mas nunca o fizera de uma maneira tão inesperada e brusca. Nem para passar a noite com o Seiji. Que também tem filhos, três filhos. E mulher, igualmente. Sei que o filho mais novo dele, com a mesma idade que Momo, está no nono ano.

Fui até à estação de autocarro e a seguir pus-me a caminho da ponta do cabo.

Era um tanto surpreendente, reflecti, que me tivessem deixado ficar na residencial sem me perguntarem fosse o que fosse, vendome chegar sozinha, já tarde e sem outra bagagem além do meu saco. Também o nome pintado na placa me intrigava. *Suna*. O estranho era que não me tivesse intrigado na noite anterior. Não era o som do nome que me surpreendia. Mas o facto de não conseguir pensar num nome próprio que pudesse condizer com ele.

O único caminho que levava ao extremo do cabo subia pouco a pouco. Depois de deixar o porto para trás, a estrada continua ao longo do mar. Os automóveis que passam desviam-se evitando-me. Nas proximidades da estação, cruzara-me com gente que andava nas ruas, mas agora já não se via ninguém. Passei diante de uma série de hospedarias e de restaurantes que serviam mariscos frescos, mas, continuando depois o meu caminho, tudo o que via era a estrada que subia à minha frente. E não havia sinais de vida nem nas casas de hóspedes nem nos restaurantes.

Descobri em quem me fazia pensar a voz do filho Suna. Era no meu marido ausente, que desaparecera sem nada dizer havia doze anos: na voz do meu marido, antes de adormecer. Quando o sono começava a envolvê-lo como uma névoa, e o seu sopro o tomava, a voz dele tornava a ser a de uma criança. *Kei!* Quando dizia assim o meu nome, havia uma doçura profunda na sua voz, uma tonalidade húmida, o que de certo modo fazia com que eu ouvisse, sob a sua voz de homem, como que a voz de alguém tão só no limiar da masculi-